

Número Especial Comemorativo
20 anos do Curso de Pedagogia da Cairu

Entre o ser, o aprender e o fazer pedagógico: o lugar das tecnologias digitais no curso de Pedagogia EaD da Faculdade Visconde de Cairu

Deyse Luciano de Jesus Santos¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender como as tecnologias digitais vem influenciando e complexificando as relações socioeducacionais nos cursos de formação de professores/as, em particular no curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade a distância, da Faculdade Visconde de Cairu. A discussão partiu do conceito de educação, analisando como a tecnologia está presente no cotidiano dos jovens e como ela tem influenciado o processo de aprendizagem, assim como, os novos conceitos de leitura e interpretações de mundo, vêm influenciando as atuais relações sociais. Os dados apresentados foram coletados pela autora, que na condição de professora pesquisadora, tem em sua prática docente um campo empírico de grande relevância a sua produção científica.

Palavras-chave: Tecnologias. Redes Sociais. Pedagogia. Educação a distância.

Abstract: This article aims to understand how digital technologies have been influencing and complexifying socio-educational relations in teacher training courses, in particular in the Pedagogy Degree course, in the distance modality, at Faculdade Visconde de Cairu. The discussion started from the concept of education, analyzing how technology is present in the daily lives of young people and how it has influenced the learning process, as well as the new concepts of Reading and interpretations of the world have been influencing current social relations. The data presented were collected by the author, who, as a research professor, has in her teaching practice an empirical field of great relevance to her scientific production.

Keywords: Technologies. Social Networks. Pedagogy. Distance Education

¹ Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). Especialista em Psicopedagoga pela UFBA. Especialista em História e Cultura Afro-indígena Brasileira pela FSTA. Licenciada em História UCSal. Gestora da Rede Pública Estadual da Bahia. E-mail: deyse10luciano@gmail.com

Introdução

O século XXI atualizou drasticamente as relações sociais no mundo. Embora saibamos que a quebra de paradigmas e a ascensão de grupos que emergem com força em busca de visibilidade e autonomia, secularmente negada às suas identidades, não tenha ocorrido da noite para o dia, mas seja o resultado das lutas de lideranças de movimentos sociais ao longo do século XX, não podemos negar que a transição foi significativa para tais mudanças.

Muitas especulações surgiram acerca do fim do mundo, especialmente em grupos religiosos que se apegaram a profecias e mitos, tomando conta do imaginário popular, que acreditava estarmos no fim dos tempos. Em 30 de março de 1997, a Folha de São Paulo, em sua coluna Cotidiano, assinada por Paulo Mota, relatou a história de uma seita de Juazeiro do Norte chamada “Aves de Jesus Penitentes do Padre Cícero Romão Batista”, que praticava rituais de penitência como forma de salvar a alma diante da iminência do fim do mundo. Viramos o século e, apesar das trágicas situações relacionadas a questões ambientais, conflitos sociais, guerras, ondas de criminalidade, violência, fome e pandemias, o mundo não acabou.

Cientistas do mundo inteiro apresentaram suas perspectivas sobre as mudanças implícitas às novas formas de ser, viver e produzir neste novo século, que, embora ainda jovem – estamos no ano 24 do século XXI –, tem mexido significativamente com a sociedade como um todo. Muitas dessas mudanças têm sido atribuídas às novas tecnologias e à globalização em prol do ambiente virtual de comunicação em rede.

No livro "A Quarta Revolução Industrial" (2016), Klaus Schwab, então presidente do Fórum Econômico Mundial, aponta como as transformações tecnológicas se reinventam a cada dia. Em paralelo, estamos preocupados com suas especificidades. Ou seja, a história passou a ser cada vez mais dinâmica, a memória cada vez mais curta e as relações cada vez mais complexas. O autor, ao contrário das “Aves de Jesus”, não prevê o fim dos tempos, mas o início de novos tempos, tendo como marco da virada do século as ondas de descobertas e o avanço da tecnologia digital.

Hélio Jaguaribe (1996), no final do século XX, já chamava a atenção para uma prospectiva social baseada na conjuntura e no acaso, visto que não apenas o contexto socioeconômico e político se sobrepõe às futuras alterações, mas também o acaso

que está contido nas relações individuais e que podem alterar rotas. Ou seja, a conjuntura e o acaso determinam o caráter tendencioso e estrutural das ações e reações humanas, não fornecendo previsões específicas de desenvolvimento devido a possíveis interferências nos fatores reais e ideais, que podem provocar rupturas nas estruturas sociais.

Nesse ínterim, o ser, o aprender e o fazer pedagógico se encontram no limiar das relações, uma vez que estão imbricados na formação dos sujeitos sociais. Dessa forma, é necessário transitar pelo contexto histórico que permeia as atividades escolares, as nuances construídas nos variados contextos, considerando as vivências e experiências das comunidades escolares e a atenção das políticas públicas às realidades postas.

Diante do exposto, com base na proposta pedagógica do componente curricular Tópicos Contemporâneos da Educação, ministrada pela autora em uma turma de Pedagogia, na modalidade de Educação a Distância (EaD), no semestre 2024.1, este artigo tem como objetivo compreender como as tecnologias digitais vêm influenciando e complexificando as relações socioeducacionais nos cursos de formação de professores/as, em particular no curso de Licenciatura em Pedagogia EaD, da Faculdade Visconde de Cairu (Favic). Fundamentado na pesquisa de campo de abordagem qualitativa, o desenvolvimento do estudo se deu durante as aulas do referido componente curricular.

As aulas aconteceram de forma remota no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), onde as discussões, tendo como eixo as tecnologias digitais e as implicações das redes sociais na educação, foram embasadas em leituras básicas como os textos: "O Desafio de Educar na Era Digital" (2011), de Nelson de Luca Pretto, e "Os Avanços Científicos e Tecnológicos e Suas Implicações no Campo da Desigualdade e da Inclusão Socioeducacional" (2029), de Jurandir de Almeida Araújo, Raquel Alves Sobrinho e Bárbara Coelho Neves.

A princípio, buscou-se discutir o conceito de educação e tecnologia, analisando como a tecnologia está presente no cotidiano dos jovens e como ela tem influenciado o processo de aprendizagem. Foram abordados os novos conceitos de leitura e interpretações de mundo, aspectos positivos e negativos das redes e sua influência na formação do sujeito. Depois, refletiu-se sobre como o avanço tecnológico não tem sido um processo democrático e inclusivo, considerando que muitas pessoas não têm

acesso satisfatório à internet, tomando como exemplo a própria experiência da turma e as dificuldades de acesso às aulas online (remotas).

As atividades foram distribuídas a partir das leituras dos textos e outros referenciais complementares, com aulas dialogadas, análise filmica e fórum de discussão no AVA com tópicos para debate entre a turma. Como atividade final, foi proposto à turma um trabalho de iniciação científica, onde os estudantes se dividiram em oito grupos que tiveram como base para a produção os temas: Educação, Diversidade, Identidades e Redes Sociais: Discriminação e Preconceito no Ambiente Virtual. Dessa forma, os grupos se subdividiram com os temas: Violência contra a Mulher; Racismo Religioso; LGBTfobias; e Racismo Estrutural.

A produção final culminou com a criação de pôsteres e a organização do evento “Educação Conectada: Os Impactos das Tecnologias Digitais na Formação e Atuação dos/as Pedagogos/as”, que contemplou atividades diversificadas, tais como palestra, relato de experiência e mesa redonda sobre o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na Educação Superior e na Educação Básica, especialmente no que diz respeito à formação e atuação do/a pedagogo/a. O evento teve como objetivos:

- Promover um espaço de debates sobre educação conectada;
- Refletir sobre o uso de aparatos tecnológicos digitais conectado à internet na Educação Superior e na Educação Básica;
- Refletir acerca da influência das redes sociais nas relações socioeducacionais e as consequências destas nos comportamentos preconceituosos e intolerantes;
- Analisar os impactos das tecnologias digitais conectadas à internet na formação e atuação do pedagogo/a.

Contou-se com o envolvimento dos/as alunos/as. O primeiro dia, realizado via Google Meet, teve como destaque a palestra de abertura intitulada “Os Avanços Científicos e Tecnológicos e Suas Implicações no Campo da Desigualdade e da Inclusão Socioeducacional”, ministrada pela professora Dra. Raquel Alves Sobrinho. O segundo dia, realizado presencialmente, incluiu duas mesas-redondas—Mesa 1: "O Lugar do Letramento Digital na Educação" e Mesa 2: "O Meu Direito Começa Quando o Outro Me Respeita: Transfobias em Rede"—além da apresentação de pôsteres produzidos pelos/as estudantes da turma.

Vale ressaltar que o resultado superou as expectativas dos/as alunos/as, dos/as professores/as que participaram do evento, dos/as convidados/as e da docente

responsável pelo componente curricular. Embora os temas escolhidos para discussão tenham gerado certa preocupação entre alguns/as discentes, durante as aulas as questões e dúvidas foram discutidas e refletidas de maneira satisfatória com a turma. Muitos depoimentos positivos foram recebidos, o que contribuiu para uma avaliação prévia favorável da proposta.

Sobre o curso de Pedagogia EaD da Faculdade Visconde de Cairu

O curso de Licenciatura em Pedagogia da Favic, na modalidade presencial, teve início em 2004, completando 20 anos em 2024. Já o curso de Pedagogia na modalidade a distância começou em julho de 2019, com a primeira turma concluinte em julho deste ano.

Assim como em diferentes países que utilizam a Educação a Distância (EaD) como meio de expansão da educação e de difusão do conhecimento, conforme destaca o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), no Brasil a EaD tem se expandido cada vez mais em todas as regiões do país, desde os grandes centros urbanos até localidades mais remotas e de difícil acesso, configurando-se como um meio eficaz de acesso aos conhecimentos escolarizados. Dessa forma, atende às demandas no campo educacional (PPC, 2023). Ainda de acordo com o PPC, essa nova modalidade de ensino, além de utilizar ferramentas tecnológicas que buscam superar antigos paradigmas e atender aos propósitos educacionais, contribui para a democratização do acesso à Educação Superior.

[...] como uma solução viável para uma educação fora dos limites do espaço escolar tradicional, dos grandes centros urbanos, permitindo a disseminação de comunidades transurbanas, onde as pessoas irão interagir, além da comunidade local, construindo conhecimentos através da aprendizagem em rede e contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua cidadania. Essa situação poderá ocorrer a partir do uso das tecnologias digitais na educação. (PPC, 2023, p. 04).

Sob essa ótica, durante as aulas de Tópicos Contemporâneos da Educação, observei que muitas das alunas matriculadas na turma migraram de outras instituições para o curso de Pedagogia a distância da Favic, tanto de turmas presenciais quanto de turmas a distância. Dentre as justificativas apresentadas, destacaram-se: "a distância da instituição, do trabalho e da casa dificultava o acesso à faculdade"; "as

aulas eram gravações que não interagiam com a turma"; e "o custo maior na formação presencial". Essas questões marcaram as discussões sobre a relação entre a formação de professores e as modalidades de ensino, com foco nas relações sociais.

Observa-se que há uma percepção por parte dos sujeitos envolvidos na EaD sobre a importância da formação superior, levando-os a buscar um acesso à educação de forma mais satisfatória. Além disso, a escolha pela modalidade a distância, em alguns casos, foi influenciada pela possibilidade de interação virtual de forma remota, devido ao acolhimento e à oportunidade de discussão e retirada de dúvidas em tempo real. Isso nos leva a entender que, embora à distância, os cursos de graduação a distância precisam facilitar a interação para, de fato, democratizar a relação de ensino-aprendizagem.

Em consonância com as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de licenciatura, em particular o de Pedagogia, o curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade a distância da Favic tem como objetivos:

- Formar pedagogos/as para o exercício das funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos;
- Propiciar a compreensão da natureza da formação a que se insere, tendo como referência o nível de ensino onde atuará;
- Compreender as especificidades dos diferentes momentos de aprendizagem e as características próprias de desenvolvimento dos/as estudantes;
- Desenvolver um trabalho de ação/reflexão/ação sobre o espaço organizacional da escola;
- Garantir uma formação pedagógica interdisciplinar, capaz de produzir um processo contínuo de autoaprendizagem e emancipação humana;
- Possibilitar aos/às estudantes uma sólida formação teórico-metodológica com base nos pressupostos antropológicos, históricos, filosóficos, psicológicos e sociológicos da educação;
- Propiciar e estimular projetos para a Educação Infantil, e/ou para os anos iniciais do Ensino Fundamental, qualificando professores/as e os/as desafiando para avaliarem e buscarem novos caminhos;
- Promover atividades de planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;
- Promover ações de produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional em contextos escolares e não escolares. (PPC, 2023, p. 29)

Considerando os objetivos do PPC, é possível compreender o posicionamento de algumas discentes que se sentem acolhidas na instituição. Durante a discussão sobre modalidade de ensino, tecnologia e formação de professores, uma discente afirmou: “Quando eu comecei o curso de Pedagogia, foi aqui na Cairu. Depois saí da Cairu e fui para outra instituição... não consegui me adaptar, era muito diferente. Aí voltei para a Cairu e daqui só saio quando me formar.” Essa relação da estudante com a instituição promove uma construção de pertencimento ao espaço de formação, o que pode contribuir positivamente para a qualificação do processo de aprendizagem. É preciso considerar a afetividade como um fator impulsionador nesse percurso, assim como a produção científica, que também faz parte desse processo. Em vista disso, os/as egressos/as do curso deverão possuir o seguinte perfil:

- Compreender que a Licenciatura em Pedagogia trata do campo teórico-investigativo da educação, do processo de ensino, de aprendizagens e do trabalho pedagógico que se realiza na práxis social;
- Compreender a docência como atividade pedagógica inerente aos processos de ensino e de aprendizagens, além daquela própria da gestão dos processos educativos em ambientes escolares e não-escolares, como também na produção e disseminação de conhecimentos da área da Educação;
- Compreender que os processos de ensinar e de aprender acontecem de forma dialógica, isto é, tanto professores/as como estudantes ensinam e aprendem uns com os outros;
- Compreender que o/a estudante é agente de (re)educação das relações sociais e étnico-raciais, de redimensionamentos das funções pedagógicas e de gestão das instituições educativas;
- Atuar enquanto docente na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos, nos cursos de Ensino Médio e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar;
- Atuar na gestão educacional, preferencialmente, sob o viés democrático, que integre as diversas atuações e funções do trabalho pedagógico e de processos educativos escolares e não-escolares, especialmente no que se refere ao projeto pedagógico, ao planejamento de ensino, à administração, à coordenação, ao acompanhamento e a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, à avaliação institucional, bem como na análise, formulação, implementação, acompanhamento, monitoramento e avaliação de políticas públicas e institucionais na área de educação;
- Produzir e difundir o conhecimento científico e tecnológico do campo educacional;
- Gerir processos educativos e formativos para garantir a educação dos/as sujeitos/as nas diferentes etapas e modalidades da Educação Básica;

- Elaborar projetos pedagógicos e organizar o trabalho pedagógico em espaços escolares e não-escolares. (PPC, 2023, p. 32)

Podemos observar que a formação tem como base o/a professor/a pesquisador/a, humanista e reflexivo/a, aberto/a a incluir em suas pautas de discussão o acolhimento à diversidade étnico-racial, de gênero, e a produção de conhecimento tecnológico. É importante destacar que a concepção pedagógica do curso é inspirada em Paulo Freire, compartilhando a compreensão de que a formação docente ocorre por meio “do compartilhamento de saberes e experiências, de modo que o/a professor/a é concebido como alguém que atua, ao mesmo tempo, como mediador/a entre o/a aprendiz e o mundo e como sujeito em permanente vir a ser.” (PPC, 2023, p. 33)

O ser e o aprender: vivências e experiências na educação

Em sociedades capitalistas, onde o consumismo impulsiona a produção e esta demanda por mão de obra especializada, o ser está diretamente relacionado ao aprender. Nesse sentido, não apenas compreendemos que a relação de ensino-aprendizagem é inerente à condição humana, mas também consideramos que a formação educacional, desde os primórdios da humanidade, é necessária para o desenvolvimento social e econômico dos indivíduos.

Embora saibamos que existem subjetividades e diferentes contextos e realidades, o espaço educacional mantém-se ao longo da história humana como uma condição *sine qua non* para a formação de todos. Não é por acaso que a educação é tratada como um princípio constitucional ligado à dignidade humana, sendo considerada um direito social que visa criar condições para o desenvolvimento e o convívio em sociedade (Brasil, 1988). No entanto, muitos são os problemas que enfrentamos no que diz respeito à efetivação desse direito. Na virada do século XX para o século XXI:

O entendimento dos problemas enfrentados pela educação brasileira atualmente implica a compreensão da forma assumida pela educação no contexto das sociedades modernas. Caracterizadas pelo predomínio da cidade e da indústria sobre o campo e a agricultura, essas sociedades se constituíram sob a forma do direito positivo regendo-se por constituições escritas e generalizando relações formalizadas através de contratos cujo teor se manifestava também

por escrito e cuja adesão se dava através da assinatura que expressava a concordância, após sua leitura, com o conteúdo das cláusulas do contrato. Incorporava-se, assim, à vida social a expressão escrita. Em consequência, para participar ativamente desse tipo de sociedade nas diversas e múltiplas funções por ela desenvolvidas, se faz necessário o ingresso na cultura letrada. (Saviani, 2001, p. 02)

Diante do exposto anteriormente, percebo que a minha relação com a educação não só perpassa pela formação como sujeito nascida e profissionalmente formada no século XX, mas também pela atuação na formação de muitos outros sujeitos, nascidos e formados entre o século XX e o século XXI. A experiência em espaços educacionais, desde a Educação Básica até a Educação Superior, em instituições públicas e privadas, contribuiu para as inquietações que têm atravessado minhas vivências e as transformado em experiências diversas, capazes de subsidiar reflexões para o ambiente pedagógico.

Embora a Educação Básica, muitas vezes, se constitua como pano de fundo de minhas discussões, a prevalência do texto em questão está na experiência na formação de professores e professoras, mais especificamente no curso de Pedagogia, onde a sistematização do conhecimento da cultura letrada determina o perfil dos novos profissionais da educação.

Ora, sendo essa forma de cultura um processo formalizado, sistemático, só pode ser atingida através de um processo educativo também sistemático. Portanto, a sociedade moderna não podia mais se satisfazer com uma educação difusa, assistemática e espontânea, passando a requerer uma educação organizada de forma sistemática e deliberada, isto é, institucionalizada o que veio a colocar a educação escolar como a forma principal e dominante de educação. (Saviani, 2001, p. 3)

A grande questão é como a educação vem se redimensionando ao longo do tempo, em resposta às mudanças no campo da comunicação, ao avanço da globalização impulsionada pela tecnologia digital, e à velocidade das informações, questionando o papel do/a professor/a e o modelo de escola que atenda às demandas sociais vigentes.

Nesse contexto, refletir sobre como a educação vem se (re)construindo ao longo da história, especialmente com a chegada das tecnologias digitais e suas contribuições na formação de professores em cursos à distância, torna-se

extremamente relevante, principalmente considerando a crescente presença da Inteligência Artificial nas salas de aula. Esse mundo digital não é neutro; ele impacta nosso mundo cultural, e a liberdade da rede interfere nas relações e na educação como um todo.

Essa liberdade que a internet traz, mas pensar também sobre o alto fluxo de fake News que a gente tem consumido, [...] nos últimos quatro anos nunca se viu tanto fake News, [...] infelizmente a tecnologia que foi desenvolvida para contribuir com a sociedade, mas que acaba destruindo pessoas, destruindo vidas. (Discente 1, aula 21/03/2024)

Logicamente, a internet provocou um salto significativo na troca de informações e na produção de conhecimento, mas também trouxe desafios para as instituições de ensino, uma vez que estabelece um contato direto dos estudantes com a informação. No entanto, é preciso refletir sobre a complexidade dessa relação, pois

[...] diferentemente da perspectiva "ferramenta eficaz de comunicação", pensamos na internet e em todas as tecnologias digitais, na sociedade, na escola e na educação em geral, como elementos que contribuem para uma radical transformação tanto da sociedade como da educação, sendo esse um dos grandes desafios de pesquisa no mundo contemporâneo. (Pretto, 2011, p.101/102)

Dessa forma, Pretto (2011) concebe a internet não como um objeto palpável que veio para contribuir com a sala de aula, um recurso ou uma ferramenta; para ele, a internet é um espaço social que promove interações que nos levam de um polo ao outro em frações de segundos. Da mesma forma, a velocidade dos fatos e das informações contribui para a formação de grupos que, nas redes, se comunicam e se organizam para atuar na sociedade a partir de suas percepções de mundo e verdades. As relações educacionais em todos os ambientes se modificaram, pois as redes alteram os valores na formação de crianças e adolescentes, impactando comportamentos, relações familiares e a construção de identidades, que se manifestam de diversas formas na escola.

O que eu percebo nas redes sociais, considerando o Big Brother, o discurso de ódio entre as torcidas, e as pessoas que são canceladas que sofrem ataques, as famílias sofrem ataques [...]. Quantas crianças já cometeram o suicídio por participarem de grupos que incentivam esse tipo de prática? (Discente 3, aula 21/03/2024)

Diferente das gerações dos anos 1980 e 1990, as gerações do novo milênio aprendem e ensinam de maneira diferenciada. As bibliotecas deram lugar aos QR Codes, os CDs e salas de cinema foram superados pelos serviços de streaming, e as salas de aula se tornaram espaços de conflito quando o/a professor/a, muitas vezes um sujeito nascido e formado no século XX, divide o espaço com as telas dos smartphones e suas redes sociais. “[...] hoje os meninos já nascem com o celular na mão; ao invés de dar a chupeta, dá-se o celular” (Discente 3, aula dia 21/03/2024). Dessa forma, observamos que algoritmos e inteligência artificial já sabem como alcançar nossos/as estudantes, preenchendo uma lacuna que a família e a escola geralmente não conseguem suprir.

A reinvenção da educação no século XXI inclui também o/a professor/a, que já não é mais visto/a como a figura “detentora de conhecimento”, seguro/a de seu planejamento e firme em suas respostas quando questionado/a, mesmo que a questão levantada pelo/a estudante não seja de seu domínio. Antigamente, o título de professor/a implicava a suposição de que a resposta estava correta, estendendo a discussão para a próxima aula, quando o/a professor/a estaria mais preparado/a para o debate. Assim, o ser e o aprender se davam continuamente na vida do professor/a, com a formação dando o ponto de partida e o conhecimento sendo adquirido por meio da prática docente.

Hoje, os/as estudantes muitas vezes preferem consultar o smartphone em vez de perguntar ao/à professor/a, que lhes parece “mais eficaz”. A sala de aula, seja presencial ou a distância, vê o/a professor/a como um/a avaliador/a de um conhecimento que, muitas vezes, não foi transmitido diretamente por ele/a, e as respostas frequentemente não refletem a qualificação e o entendimento do conteúdo avaliado.

O fazer pedagógico: o ser professor/a do novo milênio

Ao discutir a educação no século XXI e os desafios do futuro imediato, Imbernón (2000) chama a atenção para a acomodação de nossas práticas educativas do século XX, que, apesar de carregarem o discurso de pedagogias progressistas, muitas vezes não se concretizaram na prática e não promoveram mudanças reais nas escolas. Havia uma luta contra um sistema capitalista opressor, e enfrentamos

resistências; uma vez identificados os nossos problemas, a frustração surgiu pela falta de alcance dos objetivos das nossas lutas. Ainda segundo o referido autor:

[...] pensar que a educação é apenas reprodutora e que, portanto, tem uma função alienante leva-nos a considerar normal esse pequeno caos que constitui a bagagem intelectual dos profissionais de diversos âmbitos educativos, desde a escola básica à universidade, o que, na realidade, paralisa as novas alternativas educativas que tentam enfrentar essa situação e criar mecanismos para contrapor-se tão necessários na sociedade atual. (Imbernón, 2000, p.78)

Vale ressaltar que o texto produzido remete a vinte anos atrás, no início do novo milênio, mas ainda se aplica perfeitamente à nossa discussão atual, pois de alguma forma, ainda vivemos essa situação. Quem nunca ouviu na sala dos/as professores/as: "Eles não querem nada!" ou "Eles não sabem nada!"? A culpa é atribuída ao sistema, que progride sem educar adequadamente. Da mesma forma, quando estamos na condição de docentes trabalhando com componentes curriculares voltados à formação docente, os/as discentes, principalmente aqueles/as que já estão na prática escolar, costumam dizer: "Tudo isso é muito bom na teoria, mas a prática é outra".

É interessante refletir sobre duas questões: a primeira é se a falta de interesse ou conhecimento por parte dos/as estudantes não estaria diretamente associada à nossa prática docente, considerando que também fazemos parte do sistema. A segunda é se a falta de aplicação da teoria que aprendemos durante nossa formação e que adotamos em nossos discursos não contribui para esse resultado. Como, então, podemos desenvolver um fazer pedagógico que nos transforme em professores/as do novo milênio? Como podemos utilizar o celular e o tablet como ferramentas de apoio didático? E como deve ser acessada a rede? Como a escola pode e deve lidar com a relação entre os/as estudantes e a tecnologia? São muitos os questionamentos que nós, na condição de professores/as, enfrentamos e refletimos no cotidiano de nossas ações.

Semana passada a diretora de lá da escola estava falando que as crianças já chegam chorando... e eu perguntei: por que será? Eu não sei... e na conversa chegamos à conclusão de que a escola se tornou um castigo para as crianças. O colégio não tem a tecnologia, o que elas querem, ficam felizes [...] o colégio virou um castigo, um obstáculo para a criança. (Discente 4, aula 21/03/24)

Há décadas, discute-se na formação de professores/as a necessidade de planejar as aulas de acordo com a realidade dos/as estudantes. No entanto, ainda enfrentamos limitações para alcançar esse objetivo, devido às inúmeras diferenças e complexidades das realidades dos/as alunos/as, o que muitas vezes resulta em falhas. Por outro lado, o algoritmo avançou nesse aspecto, pois consegue atingir diretamente as lacunas de desejo e necessidade das pessoas. Não apenas as crianças, mas nós também somos constantemente influenciados pelos anúncios, imagens, afirmações e negações que tocam nossas subjetividades e capturam nossa atenção.

Eu quero relatar uma realidade que eu vivenciei e estou vivenciando. Quando eu fiz meu ensino médio foi no período da pandemia, tive momentos híbridos e momentos totalmente remotos, EaD. E para mim foi muito difícil... Meu Deus, como é isso? Como vou me adequar?... Eu sempre tive acesso tecnológico, mas foi em outros meios, não para educação [...], mas eu consegui me adequar. (Discente 5, aula 21/03/2024)

Para a Discente 5, a tecnologia estava diretamente associada ao uso das redes sociais, e ela expressou um vício em relação ao uso do celular. No entanto, quando precisou utilizar essa tecnologia para acessar as aulas, inicialmente sentiu uma preocupação, resistência e um sentimento de impotência. Por que tanta dificuldade? Estamos falando de uma jovem do século XXI que, ao lidar com a tecnologia fora do contexto das redes sociais, enfrentou uma situação de conflito e indecisão. Considerando a realidade dessa jovem professora em formação na modalidade EaD, que apresentou dificuldades em seu primeiro contato com a educação remota, o que podemos pensar sobre os/as discentes que nasceram no século XX e que não têm a mesma facilidade com a tecnologia, transitando nessa “nova realidade educacional”? Segundo ela: “...eu consegui me adequar e hoje estou fazendo faculdade EaD e estou conseguindo dar conta.” (Discente 5, aula dia 21/03/2024).

Além da adequação à aprendizagem remota, precisamos refletir se essa é a realidade de todos/as os/as discentes. Será que todos mantêm a mesma qualidade de acesso, com ferramentas tecnológicas compatíveis com o AVA e uma internet de boa qualidade? Embora a modalidade EaD seja uma proposta voltada à inclusão de muitos jovens e adultos que não teriam condições de ingressar na educação superior, a inclusão nem sempre ocorre como deveria. Muitas vezes, as realidades dos/as

estudantes não correspondem às necessidades de acompanhamento das aulas remotas e à produção de atividades devido à falta de recursos.

[...] vivemos em um mundo onde quer que o sujeito interaja a sua situação econômica, o seu nível de escolaridade, a sua origem étnico-racial e a sua cultura lhes conferem vantagens ou desvantagens que o diferencia ou o iguala aos outros sujeitos, colocando-o num lugar de superioridade ou de inferioridade, de opressor ou de oprimido. [...] acreditamos que o acesso às novas tecnologias e a garantia deste acesso como direito, na perspectiva de usá-las para diminuir distanciamentos sociais, é o caminho para se pensar na justiça como equidade de direitos e de igualdade de oportunidades. (Araújo; Sobrinho; Neves, 2019, p. 58/59)

Destarte, considerando a diversidade de realidades presentes na turma, os diferentes espaços e tempos de vivências e experiências dos sujeitos, e a realidade socioeconômica destes/as, é possível inferir porque o acesso ao AVA para assistir às aulas em tempo real muitas vezes não era possível. Vejamos:

Tabela 1 - Acesso e permanência de discentes na aula remoto

Aula	Acesso
21/03/2024 – 18:59	57 estudantes – 21:38
04/04/2024 – 19:05	59 estudantes – 21:56
11/04/2024 – 18:02	53 estudantes – 21:40

Fonte: Dados da pesquisa 2024.

Quando observamos a Tabela 1, percebemos que, no dia 21/03/2024, a média de tempo de acesso dos estudantes variou entre 1 hora e 35 minutos e 2 horas e 38 minutos. No dia 04/04/2024, dos 59 estudantes participantes, apenas 1 estudante manteve o acesso por no máximo 1 hora e 9 minutos. Os demais tiveram tempos de acesso que variaram de 1 hora e 56 minutos a 2 horas e 51 minutos. No dia 11/04/2024, dos 53 estudantes participantes, apenas duas estudantes tiveram acesso por 1 hora, enquanto os demais variaram entre 1 hora e 40 minutos e 2 horas e 40 minutos.

Considerando que a turma contava com 84 discentes ativos no AVA, e que cerca de 60% estiveram conectados em tempo real para participar integralmente das aulas remotas, os demais só conseguiram acessar as aulas gravadas, seja devido à qualidade da conexão com a internet, à qualidade do dispositivo tecnológico, ou à falta de habilidade com a tecnologia virtual. Observamos que, nesse contexto, um

contingente de cerca de 40% dos discentes sem acesso direto durante a aula em tempo real representa um desafio significativo para uma proposta de educação inclusiva. Se o acesso fosse garantido a todos, poderia ser uma poderosa ferramenta para reduzir distâncias sociais, econômicas e culturais; caso contrário, poderia funcionar como uma “máquina ceifadeira de futuros” para milhares de pessoas, tanto localmente quanto globalmente (Araújo; Sobrinho; Neves, 2019, p. 62).

Voltando aos dados da Tabela 1, embora a análise do AVA mostre que quase todos os discentes acessaram as gravações das aulas, responderam às atividades propostas e participaram da produção dos pôsteres e da organização do evento científico, qual seria a desvantagem para aqueles que puderam ou tiveram a oportunidade de acessar as aulas em tempo real em comparação com aqueles que não conseguiram manter o acesso? Barreto (2011, p. 355) afirma que “[...] um abismo separa a escola do rico e do pobre”, e esse abismo está claramente representado na Tabela 1.

Ainda sobre essa perspectiva, Imbernón (2000) nos leva a refletir que, embora estejamos sempre nos constituindo como intelectuais da educação, ainda vivemos numa sensação de “um ontem muito próximo e um hoje já muito distante”. Ou seja, muitos dos problemas na educação, construídos e identificados no século passado, continuam a refletir em nossas ações e angústias cotidianas, especialmente em um momento em que a sala de aula enfrenta mudanças bruscas, como novas propostas metodológicas, inovações e modalidades que nos forcem a ajustar nossos olhares, independentemente de quando e como fomos formados

Nossos debates sobre o papel da educação na distribuição e na produção do poder econômico, político e cultural desenvolveram-se demasiadamente em um nível muito abstrato, em vez de pegar os instrumentos e aplicá-los à história e à realidade concretas das políticas e das práticas envolvidas na organização do ensino do currículo. (Apple, 1989 apud Imbernón 2000 p. 79)

Ou seja, além de toda a formação política implícita na formação de profissionais de educação, como as propostas voltadas à inclusão e à naturalização da diversidade, é fundamental reconhecer que “quando elaboramos uma teoria, exercemos uma ação de prática política; mas precisamos, além disso, aplicá-la no terreno da práxis educativa em instituições concretas” (Imbernón, 2000, p. 79). Se isso não acontecer

efetivamente, corremos o risco de desenvolver um “conformismo educativo” que aumentará o distanciamento entre a teoria e a prática, ampliando o caos na educação.

Quando a teoria e a prática convergem: o conflito

Henri Giroux (1997), ao final do século passado, ao analisar a pedagogia crítica da aprendizagem, discorre sobre a importância de que nós, professores/as, sejamos intelectuais transformadores. Ele argumenta que todo aparato ideológico está envolvido na manutenção de um discurso, e que este discurso deve estar presente em nossa prática pedagógica.

A categoria intelectual é útil de diversas maneiras. Primeiramente, ela oferece uma base teórica para examinar-se a atividade docente como atividade intelectual, em contraste com sua definição puramente em termos puramente instrumentais ou técnicos. Em segundo lugar, ela esclarece os tipos de condições ideológicas e práticas necessárias para que os professores funcionem como intelectuais. Em terceiro lugar, ela ajuda a esclarecer o papel que os professores desempenham na produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais variados através das pedagogias por eles endossadas e utilizadas. (Giroux, 1997, p. 160)

Ou seja, o/a professor/a, enquanto intelectual transformador, assume também a sua condição de professor/a pesquisador/a, conforme Paulo Freire (1996). O reconhecimento do trabalho do/a professor/a como intelectual e produtor/a de suas pedagogias exige uma atuação contínua em pesquisa e formação. Com base nessa compreensão, minha experiência de 30 anos na educação – desde os anos finais do Ensino Fundamental até a pós-graduação – permitiu-me refletir sobre a relação entre a formação de professores/as e as práticas de ensino. Essas experiências, que abrangeram desde a tradicional sala de aula presencial até a pedagogia crítica em turmas de Educação a Distância (EaD), revelam que as relações estabelecidas entre teoria e prática na formação docente estão profundamente relacionadas à figura ética do/a profissional que mediará o conhecimento.

A experiência com a turma em questão foi particularmente interessante. No entanto, por vezes, enfrentei um conflito: como os/as professores/as em formação utilizam as tecnologias digitais para reproduzir conhecimento? Observou-se que, apesar de discutirmos os prós e contras das tecnologias e seus efeitos no processo educacional, muitos/as estudantes naturalizam o acesso fácil à pesquisa como válido,

o que pode prejudicar sua formação intelectual. Alguns discentes usaram a prática de Ctrl C + Ctrl V para responder às atividades e/ou recorreram à inteligência artificial para atividades discursivas. Qual será a relação desses/as profissionais com o processo de ensino-aprendizagem quando estiverem em sala de aula?

Sabemos que o conhecimento a ser mediado faz parte do arcabouço teórico adquirido pelo/a profissional ao longo de sua formação e do interesse pelos temas abordados nos componentes curriculares ao longo da prática docente. Nesse contexto, qual é o nível de comprometimento na formação desses/as profissionais?

A separação entre teoria e prática muitas vezes se reflete na liberdade de atuação desses/as profissionais, que podem optar por suas metodologias. Contudo, essa “neutralidade” muitas vezes não se concretiza na prática escolar.

Para Tardiff (2013), é crucial considerar não apenas o contexto dos/as estudantes, mas também o dos/as professores/as. Suas realidades, experiências, conhecimentos e subjetividades estão presentes em sua prática docente. Segundo o autor, não é somente a realidade do/a estudante que influencia a educação, mas também a do/a professor/a. Nesse contexto de sala de aula, há um abismo entre o saber e o ensinar, e a questão que se coloca é como e onde esse diálogo se desenvolverá, especialmente quando pensamos em igualdade e equidade para todos os cidadãos e cidadãs.

Corroboramos com Harari (2018, p. 225), que afirma: “A igualdade só pode ser assegurada se forem diminuídas as liberdades daqueles que estão em melhores condições. Garantir que cada indivíduo seja livre para fazer o que desejar inevitavelmente compromete a igualdade.” Quando o/a profissional da educação atua como mediador/a do conhecimento, levando em conta a diversidade humana da sala de aula e respeitando os conhecimentos prévios dos/as estudantes, assim como a atuação destes/as em relação às redes tecnológicas, o componente curricular se aproxima mais de seu objetivo.

Saliento a importância do compromisso ético e valorização de sua própria formação como intelectual atenta e competente à mediação do conhecimento proposto, pois ... temos de começar a refletir profundamente sobre a ética na formação docente, uma vez que, depois de formados serão os professores que educarão ou introduzirão uma ética a seus discípulos. (Imberón, 2016, p.171)

Em 2018, quando defendi minha tese de doutorado intitulada "Identidades Religiosas: Subjetividades em Conflito na Formação de Professores", havia uma inquietação sobre a formação de professores/as na modalidade EaD, embora não fosse o foco principal da discussão. Como a proposta da pesquisa era de cunho etnográfico, decidi incluir como sujeitos da pesquisa turmas de formação docente no curso de Pedagogia presencial de uma instituição privada e turmas de formação de professores em Licenciatura em História EaD de uma instituição pública.

É interessante ressaltar que a pesquisa se concentrou nas identidades religiosas e nos conflitos na prática docente de professores/as em formação, tendo como campo de estudo a prática docente da pesquisadora com essas turmas, atuando em componentes curriculares que discutem Identidades e Diversidades: Antropologia, Sociologia e Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Um dos questionamentos centrais foi sobre como, na condição de professores/as cristãs com dificuldade em discutir a temática em sala de aula, esses/as profissionais abordariam a discussão da teoria proposta. Conforme evidenciado,

Os professores em formação são sujeitos produtores de conhecimento e providos de subjetividades que influenciam, ampliam e/ou modificam a sua atual ou futura prática. É importante considerar que não são meros reprodutores de conhecimentos pré-estabelecidos a partir da formação intelectual. (Santos, 2018, p. 178)

Logicamente, as identidades religiosas dos/as professores/as perpassavam e atravessavam suas práticas pedagógicas. A tese de que a fé estava acima da formação, e que a formação não afetaria sua identidade religiosa, se confirmou quando a pesquisa revelou que o conflito entre teoria, ética e prática docente originava-se na universidade e entre seus/suas docentes, e não nos/as discentes religiosos/as em formação.

E não esqueçamos de que professores e professoras ensinam mais pelo que viram e pelo que lhes ensinaram do que pelo modo como deveriam fazê-lo. Se não introduzirmos a ética na formação do professorado, como se pode realizar depois um ensinamento ético no ensino da infância e da juventude? (Imbernón, 2016, p.171)

Da mesma forma, ao me deparar com professores/as em formação no Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, da FAVIC, seis anos depois, em uma

situação diferente – agora com o componente "Tópicos Contemporâneos em Educação" –, encontrei novamente questões relacionadas à teoria, ética e prática docente. Desta vez, a questão envolvia como as tecnologias digitais e o acesso às redes sociais podem influenciar as relações nos espaços educacionais. No entanto, assim como na pesquisa de 2018, é importante ressaltar que, naquele momento, a pesquisa revelou que:

No contato com os docentes/discentes na graduação e na pós-graduação, percebemos como as verdades construídas por eles, tanto nas relações sociais e políticas quanto na sua formação religiosa, interferem diretamente nas escolhas e tomadas de decisão desses professores. Daí a importância de pensarmos na identidade docente. É preciso pensar o professor em sua subjetividade como construtor e autor de sua prática e não como mero reprodutor de conteúdo. (Santos, 2018, p.179)

Após seis anos, refletir sobre a identidade docente não apenas a partir do seu contexto cultural e religioso, mas também considerando sua identidade de gênero e as visões de mundo moldadas e acentuadas pela interação nas redes sociais, emerge como uma discussão fundamental para compor o perfil dos novos profissionais de educação.

O lugar das tecnologias digitais no curso de Pedagogia EaD da Favic

A turma do componente curricular "Tópicos Contemporâneos em Educação" era composta por 88 discentes matriculados. As aulas aconteciam de forma remota pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), com interação fluida entre a docente e os/as discentes. No ambiente virtual, foram disponibilizados textos para leitura, vídeos e orientações, além de material teórico e acesso à biblioteca virtual e física oferecidos pela instituição.

Considerando que a turma é de formação de futuros/as profissionais de educação e que a modalidade do curso foi de livre escolha do/a estudante, espera-se que estes/as atuem de forma crítica e ética nas discussões e cumpram o mínimo básico de leitura proposta para sua formação, já que estamos lidando com futuros/as professores/as.

Na era digital, as pessoas negociam constantemente o controle em troca da facilidade de acesso. Os sistemas digitais oferecem meios extremamente eficientes

para gerir a vida em sociedades conectadas globalmente (Palfrey; Gasser, 2011, p. 51). Nas instituições educacionais, as bibliotecas físicas estão perdendo espaço para o GAFAM – Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft –, e as respostas estão a um clique de distância.

Refletir sobre o papel das tecnologias digitais no Curso de Pedagogia EaD da FAVIC exige considerar as negociações e conflitos entre o ser estudante e o ser professor/a na era da tecnologia e da informação. Como estudantes, os/as futuros/as professores/as, apesar de estarem familiarizados com a tecnologia, enfrentam um conflito de identidade ao lidarem com mudanças rápidas na quantidade e qualidade das informações disponíveis. Embora sejam jovens o suficiente para manusear a tecnologia, ainda resistem a mudanças de paradigmas.

Enquanto discentes, o acesso fácil à informação, a pesquisa no ambiente virtual, e a consulta de materiais, como uma prova disponibilizada por dois dias para acesso e três horas para resolução, são vistos como comuns. Entretanto, na condição de professores/as, há uma inversão dos papéis e das ações. Consultar e/ou pesquisar questões da avaliação em um ambiente virtual, como os/as discentes fazem, é considerado errado. De forma similar, não é considerado inadequado utilizar o ambiente como ferramenta para pesquisar atividades e planejamentos prontos. Esses comportamentos revelam uma discrepância na avaliação dos papéis sociais e das ações relacionadas a cada papel.

É comum que, nas turmas de Educação a Distância, os/as discentes reclamem quando a avaliação exige uma análise e interpretação contextualizada e a pontuação é inferior à esperada. Eles/as muitas vezes questionam por que errar uma questão é possível, mesmo quando a Inteligência Artificial discorre rapidamente sobre o assunto. A rapidez e facilidade de acesso à informação não garantem sempre a precisão ou segurança dos dados, como exemplificado pela Wikipédia, que apesar de suas falhas significativas, alcançou um sucesso notável (Palfrey; Gasser, 2011, p. 138).

Estamos lidando com uma produção de conhecimento colaborativa, cuja segurança pode ser questionada, ao contrário de enciclopédias, artigos e livros baseados em evidências científicas e formação especializada dos autores. Esses conflitos entre o físico e o virtual, e as experiências com a informação, são evidentes tanto na formação de professores/as quanto em suas práticas pedagógicas, quando lidam com a tecnologia e o mundo digital que ela representa para seus/as alunos/as.

Atualmente estou trabalhando na rede municipal e o prefeito disponibilizou tablet para os alunos, e eu pensei que iria ser algo muito grave, porque querendo ou não, eu não vou mentir para a senhora desde 2021, eu abria o google forms o professor estava lá dando a aula e eu estava dormindo, deixava lá a aula rolando e eu roncando... ou em outras redes sociais, e eu pensava assim: os meninos não vão prestar atenção. [...] Lá na escola tem um dia na semana que é só o AVA, eu não entendo isso, eu quero saber como vai funcionar isso...os alunos vão se adequar, eles vão conseguir dar conta... (Discente 5, aula 21/03/2024)

O relato da discente aponta duas questões importantes: como ela utilizava o aparato tecnológico na condição de aluna e como, a partir de sua experiência, analisava a impossibilidade de utilizar o recurso em sua sala de aula. Inicialmente, ela resistia ao uso dos tablets, acreditando que eles causariam distração entre os alunos. No entanto, com o tempo, ela percebeu que um planejamento cuidadoso com a ferramenta contribuiu significativamente para o avanço das suas aulas. Ela observou que os alunos, especialmente um estudante autista, interagiam de maneira mais efetiva com o conhecimento por meio das imagens, cores e desafios oferecidos pelos tablets. Segundo a discente, “Agente coloca as atividades para eles e alguns alunos que tinham dificuldade em retirar do quadro começaram a entender... e foi maravilhoso... eu percebi a importância da tecnologia no meio da educação” (Discente 5, aula 21/03/2024).

Podemos inferir que, na condição de professora, a discente inicialmente não considerou a distância temporal entre sua formação e a dos seus alunos. Em termos de inovação tecnológica, os alunos estão à frente dela, resultando em realidades diferenciadas. Quando confrontada com a impossibilidade de não utilizar o recurso, ela percebeu que sua insatisfação estava ligada a um sistema de crenças que acreditava que a tecnologia poderia suprimir o papel do/a professor/a ou desviar a atenção dos alunos, comprometendo a aprendizagem.

Inconclusões

Entre o Ser, o Aprender e o Fazer Pedagógico: O Lugar das Tecnologias Digitais no Curso de Pedagogia a Distância da Faculdade Visconde de Cairu é fruto de uma das melhores experiências que já tive na formação de professores/as. Embora a discussão sobre tecnologia e educação não seja o foco principal da minha produção intelectual, minha atuação como professora pesquisadora transversaliza essa

produção ao interseccionar a discussão sobre diversidades na educação. Nesse contexto, as redes sociais emergem como espaços de múltiplas violências aos sujeitos.

Optou-se por dialogar com essa temática na formação de professores/as, considerando que estes lidam diariamente com situações de preconceito e discriminação. Além disso, mesmo atuando como profissionais da educação, muitas vezes eles próprios naturalizam casos de violência digital, por serem também vítimas das mazelas das redes sociais. Assim, é crucial explorar a influência das tecnologias digitais e das redes sociais na formação dos/as professores/as e de seus/suas estudantes, bem como nas possibilidades que essas tecnologias oferecem.

A conclusão a que chego com este estudo é que, por um lado, não apenas os/as estudantes são vítimas da rede na reprodução de comportamentos inadequados, mas os/as professores/as em formação também fazem parte dessa realidade, com o agravante de serem mediadores/as de conhecimento para as futuras gerações. Por outro lado, as reflexões realizadas revelam que a mudança de comportamento e a aceitação das tecnologias digitais como aliadas na prática pedagógica são possibilidades reais. Ao final dos debates, várias discentes apontaram a importância de romper com barreiras e buscar conhecimento de forma ética e autônoma, em busca de uma educação transformadora.

Referências

ARAÚJO, J. A.; SOBRINHO, R. A.; NEVES, B. C. Os avanços científicos e tecnológicos e suas implicações no campo da desigualdade e da inclusão socioeducacional. Disponível em: **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 13, n. 3, p. 57-69, dez. 2019 <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/35224/20735>
Acesso em: 12 marc. 2024.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. Coleção Primeiros passos, 57 reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1996.

GIROUX, H. A. Os **professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HARARI, Y. N. **Uma breve história** – Sapiens. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2018.

IMBERNÓN, F. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

JAGUARIBE, H. Brasil e mundo na vitralha do século. **Dados**, v. 39, n. 3, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/kmpfXsQCwqWWvynw49qvYLG/#> Acesso em: 26/04/24

PALFREY, J; GASSER, U. R. S. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Editora Grupo A, 2011.

PPC – **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia**, modalidade EAD, Faculdade Visconde de Cairu. Salvador, 2023.

PRETTO, N. L. O desafio de educar na era digital: educações. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 24, n. 1, p. 95-118, 2011.

SANTOS, D. L. J. **Identidades religiosas: subjetividades em conflito na formação de professores**. 2018, Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: UNEB, 2018.

SAVIANI, D. Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 3, jul. 2001.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.